

# A AMIZADE COMO RESISTÊNCIA: SPINOZA E LA BOÉTIE DIANTE DAS RELAÇÕES SERVIS

HENRIQUE LIMA DA SILVA \*

DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.52521/CONATUS.V17I28.16107](https://doi.org/10.52521/conatus.v17i28.16107)

*É, em verdade, um belo nome e digo da maior afeição o nome de irmão; e por isso La Boétie e eu o empregamos quando nos tornamos amigos; mas na realidade, a comunidade de interesses, a partilha dos bens, a pobreza de um como consequência da riqueza de outro, destemperam consideravelmente a união formal. Em devendo os irmãos, para vencer neste mundo, seguir o mesmo caminho, andar com passo igual, inevitável se torna que se choquem amiúde. Mais ainda: é a correspondência dos gostos que engendra essas verdadeiras e perfeitas amizades e não para que ela se verifique, entre pai e filho, ou entre irmãos os quais podem ter gostos totalmente diferentes. (MONTAIGNE- Ensaios).*

## INTRODUÇÃO

A noção de amizade, tal como aparece no *Discurso da Servidão Voluntária* de Étienne de La Boétie, revela-se não apenas como um afeto intersubjetivo, mas como categoria fundamental para a compreensão da gênese e da manutenção das relações políticas. Ainda que de maneira pontual, a amizade emerge no texto como chave hermenêutica para decifrar os mecanismos que sustentam a dominação tirânica, não apenas pela imposição do poder de um sobre muitos, mas sobretudo pela adesão voluntária daqueles que, por diferentes motivos, se submetem a essa dominação. Como observa Claude Lefort, o texto de La Boétie desloca-se de um discurso sobre o poder para um discurso do político, no qual a figura do “amigo” assume papel central enquanto destinatário implícito de uma aliança ética que se contrapõe ao consenso servil. Nesse contexto, a amizade torna-se índice de um vínculo entre sujeitos que, preservando a memória da liberdade, recusam-se à lógica da sujeição voluntária.

A crítica de La Boétie não se dirige exclusivamente ao tirano, mas à tessitura afetiva, simbólica e institucional que permite

sua constituição. Assim, o discurso convoca os leitores não à ação direta ou revolucionária, mas à recusa consciente e racional do servir, fundada na recuperação de princípios éticos compartilhados entre os que não perderam a noção de liberdade. A amizade, entendida como relação fundada na igualdade, na estima recíproca e na virtude, opõe-se frontalmente às relações servis, marcadas pela bajulação, pela idolatria e pela degradação da autonomia. A figura do amigo, nesse sentido, simboliza o sujeito capaz de resistir à sedução do poder, mantendo-se fiel aos deveres comuns da amizade que, quando pervertidos, podem dar origem à legitimação do tirano.

Nesse horizonte, a filosofia de Benedictus de Spinoza<sup>1</sup> apresenta importantes desdobramentos conceituais ao articular a amizade no interior de uma ontologia imanente e de uma ética dos afetos. Inserido numa concepção naturalista segundo a qual tudo quanto existe é expressão da substância única do *Deus sive natura* (Deus ou a Natureza), o homem, enquanto *modus* dessa substância, é determinado por sua potência de agir e pelos afetos que o atravessam. Spinoza propõe que, sob a condução da razão, nada é mais útil ao homem do que outro homem, sendo a amizade uma das formas mais elevadas de expressão da liberdade. A união entre os indivíduos livres, alicerçada na generosidade e na firmeza, afetos

<sup>1</sup> Para a citação das obras de Spinoza, utilizaremos as siglas TTP para o **Tratado Teológico-Político**; TP para o **Tratado Político**; Ep para as **Cartas** e E para a **Ética**. Quanto às citações referentes às divisões internas do **Tratado Político** e do **Tratado Teológico-Político**, utilizaremos algarismos romanos para as grandes divisões (Partes ou Capítulos) e algarismos arábicos para as subdivisões (parágrafos ou outras); já para as citações internas da **Ética**, indicaremos a parte citada em algarismos romanos, seguida da letra correspondente para indicar as definições (Def), axiomas (A), proposições (P), prefácios (Pref.), demonstração (Dem), corolários (C) e escólios (Esc), com seus respectivos números

\* Doutor em Filosofia (UFC), Membro do coletivo GT Benedictus de Spinoza.

ativos derivados da razão, constitui a base de uma vida coletiva fundada na potência comum, em oposição às formas de servidão promovidas pelo medo, pela superstição e pela ignorância.

Este artigo propõe uma investigação comparativa entre os conceitos de amizade presentes nas obras de La Boétie e de Spinoza, tendo como fio condutor sua relevância no combate às diversas formas de servidão. A partir da hipótese de que a amizade, em ambos os autores, não se reduz a um vínculo afetivo privado, mas se configura como operador ético-político central, busca-se examinar os modos pelos quais esse conceito articula liberdade, igualdade e resistência. Serão analisados, por um lado, os “deveres comuns da amizade” enquanto limites éticos à servidão voluntária em La Boétie; por outro, os afetos racionais e a constituição da sociabilidade livre em Spinoza, como formas de construção de um corpo político mais potente. Em última instância, pretende-se demonstrar que, tanto em La Boétie quanto em Spinoza, a amizade se apresenta como condição de possibilidade para a constituição de uma comunidade política emancipada das relações servis.

#### O CONCEITO DE AMIZADE EM LA BOÉTIE

O tema amizade, no *Discurso* de La Boétie, surge em alguns momentos pontuais, onde sua compreensão é de fundamental importância para entendermos a proposta de La Boétie sobre a gênese e combate da servidão voluntária a qual apresenta não só a figura do tirano, mas como as relações servis surgem para criar e sustentar o tirano. A leitura do *Discurso* ou melhor, como acentua Claude Lefort, a fala de La Boétie que se faz ser ouvida é sob o prisma político da amizade.

[...] o registro do escrito, o discurso político cede diante de um discurso sobre o político. Mas é preciso reconhecer que esse último não deixa de ser político e comporta ainda um destinatário, ele estabelece uma aliança com uma categoria de leitores e dela exclui uma outra. Dirige-se àqueles que estão dispostos a acolher os sinais que dispensa, que tem vontade, desejo de ir ao seu encontro. Ao destinatário, o escritor até diz, indiretamente, o seu nome: *o amigo*.<sup>2</sup>

Com efeito, após se questionar a razão de tantos burgos, tantas cidades e nações se renderem a um só, a este que só tem o poderio

que lhes dão, que o poder de os prejudicar só o tem em razão da vossa vontade de suportá-lo. Estes homens submetidos, não pela força, mas de algum modo encantados ou mesmo enfeitiçados pelo o nome de um, aquele de quem não se deve temer o seu poderio e nem muito menos amar suas qualidades, pois ele mesmo é um desumano e feroz. Se é um só, qual o motivo de muitos se submeterem a um? Uma das condições propícias para se instaurar um regime de servidão é a fraqueza humana.

Dada a nossa fraqueza, não temos a condição de sempre sermos o mais forte, por esse motivo La Boétie explica “se uma nação é obrigada pela força da guerra a servir a um, como a cidade de Atenas aos trinta tiranos, não é de se espantar que ela sirva, mas de se lamentar o acidente”<sup>3</sup>, continua La Boétie, não se trata nem de se espantar ou mesmo se lamentar, mas sim carregar o mal de maneira paciente e aguardar uma melhor fortuna. Por isso, há a necessidade de contemporizarmos, precisamos ser flexíveis e suportar pacientemente as situações as quais não somos o mais forte. Isso, todavia, não quer dizer que devemos aceitar tais circunstâncias de impotência – é uma fraqueza relativa e não é uma condição estática, pois deve-se atentar a boa fortuna, suportar o mal e quando as circunstâncias forem favoráveis, configurar um novo êxito.

Um segundo ponto que La Boétie nos chama a atenção, é acerca dos “deveres comuns da amizade”, que, como explica o autor, é algo que naturalmente leva boa parte do tempo de nossas vidas, nesse sentido, é razoável amar a virtude, estimar os belos feitos, e reconhecer o bem de onde recebemos, e ainda diminuir o nosso bem-estar em vista de aumentar a honra e a vantagem daqueles que amamos, os quais, pelos benefícios recíprocos, merecem tal devoção. No entanto, no condicional “se” e “por consequência”, La Boétie adverte:

[...] se os habitantes de um país encontrarem algum grande personagem que lhes tenha dado provas de grande providência para protegê-los, grande audácia para defendê-los, grande cuidado para governá-los se doravante cativam-se em obedecê-lo e se fiam tanto nisso a ponto de lhe dar algumas vantagens, não sei se seria sábio tirá-lo de onde fazia o bem para colocá-lo num lugar onde poderá malfazer<sup>4</sup>.

3 LA BOÉTIE, 1982, p. 12.

4 LA BOÉTIE, 1982, p. 12.

2 LEFORT, Claude. *O nome de um*. 1982, p. 129.

Os deveres comuns da amizade estão intimamente ligados com nossas vidas, por essa razão, devemos ficar atentos ao reconhecimento do bem que recebemos e sua retribuição para que não se confunda com vantagens maiores que ultrapassem o limite da reciprocidade, a qual é a marca da amizade, sob pena de que tal relação possa se tornar responsável pela constituição da figura do tirano. Os deveres comuns da amizade, não podem se confundir com rebaixamento e idolatria. O reconhecimento dos grandes feitos da amizade é a identidade livre dos iguais e nunca a bajulação e o rebaixamento.

O *Discurso*, como observa Chauí<sup>5</sup>, contrapõe o “todos unidos”, estes unidos pelas relações servis, ao “alguns”, os amigos que não perderam a memória da liberdade. Esta amizade, todavia, quando decifrado o seu sentido oculto, revela-se sua dimensão política. Isso se deve, pois, a amizade só é possível entre os iguais, se mantém na condição que entre os amigos, não se eleve um dos seus acima de todos, para se converter em senhor. Por isso a liberdade é justamente não ser servo de ninguém, isso é somente possível se a igualdade entre os diferentes não se transforme em desigualdade – superiores e inferiores, com isso La Boétie nos convida a pensar a relação incondicional entre amizade e liberdade.

Com efeito, no combate ao tirano, La Boétie<sup>6</sup> não propõe qualquer tipo de programa de ação, a não ser tão somente a própria recusa do servir: não dá ao tirano o que vós pede, e assim ele cairá por si só. Sendo assim a recusa do servir é justamente resgatar os princípios da amizade daqueles que não perderam a memória da sua liberdade. Princípios estes sagrados, ressalta La Boétie:

A amizade é um nome sagrado, é uma coisa santa; ela nunca se entrega senão entre pessoas de bem e só se deixar apanhar pela mútua estima [...] não se pode haver amizade onde está a crueldade, onde está a deslealdade, onde está a injustiça; e entre os maus, quando se ajuntam há conspiração, não companhia; eles não se entream, mas se entrem, não são amigos, mas cúmplices<sup>7</sup>.

Dito isto, em Spinoza, como se pensar a questão da amizade no âmbito ético/político tal qual um dos antídotos para se afastar as

relações de servidão? Os elementos conceituais possíveis para se pensar a dimensão ética/política da amizade em Spinoza, seriam: qual o tipo de afeto comum estabelecido nas relações de amizade? E qual o papel dos conceitos de utilidade e liberdade na amizade?

#### SPINOZA E A POTÊNCIA DA AMIZADE

O pensamento spinoziano envolve uma compressão da conjugação das partes com o todo que é Deus ou mesmo a substância absolutamente infinita. Do ponto de vista particular, o homem, enquanto parte do todo, encontra sua felicidade como adequação no pensamento e na ação, tendo em vista o seu lugar no todo que é a natureza. Nessa relação das partes com o todo, todavia, não é excluída o âmbito ético/político, na medida em que Spinoza estabelece a união das pessoas (as partes) como condição para o fortalecimento e criação de um *conatus* maior (um todo) e mais potente, este *conatus*, por seu turno, constitui a força de ser coletivo, no qual se tem como condição fulcral a liberdade.

Na sequência de proposições da *Ética* em que Spinoza caracteriza o homem livre<sup>8</sup>, temos que uma das características do homem livre é procurar se unir a outros tão livres quanto ele por um laço de amizade, estes amigos constroem uma relação de amizade pautada na gratidão recíproca.<sup>9</sup> Contrário à união daqueles vinculados pela amizade e gratidão no escólio da proposição 37, Spinoza contrapõe com o exemplo daqueles que se unem por uma gratidão guiada por um desejo cego. Estes se diferem dos amigos, pois consideram o agradecimento muito mais como espécie de negócio ou mesmo como um oportunismo.

É na relação de amizade na qual se circulam os afetos que fortalecem os ânimos de cada um pela utilidade e companhia de estarem juntos. À medida que a mente comprehende, temos o afeto fortaleza, este Spinoza divide em firmeza e generosidade. A firmeza é o desejo pelo qual cada um esforça-se para conservar o seu ser conforme à razão. A generosidade é algo compartilhada com o outro, é um esforço de conservar o seu ser pelos ditames da razão em ajudar os outros e unir-se pela amizade<sup>10</sup>. Sob o prisma da utilidade e da condução da razão não há nada mais útil ao

5 CHAUI, *Contra servidão voluntária*, 2013, p. 14.

6 CHAUI, 2013, p. 18.

7 LA BOÉTIE, 1982, p. 35.

8 Da proposição 67 a 73 EV.

9 DemP71EIV, SO2, p. 263.

10 EscP59EIII, SO2, p. 254.

homem do que o seu semelhante, diz Spinoza: “Não há, na natureza das coisas, nenhuma coisa singular que seja mais útil ao homem do que um homem que vive sob a condução da razão”<sup>11</sup>.

Com efeito, Spinoza designa à amizade como produção de uma relação afetiva de alegria, fundamental para/pôr os homens livres que se reconhecem na liberdade. Por essa relação de amizade que em sociedade tais indivíduos esforçam-se para promover o bem uns aos outros por generosidade, fortalecendo seus laços e formarem associações, criando um vínculo de tal maneira a se tornarem um só.<sup>12</sup>

### CONCLUSÃO

A análise articulada das concepções de amizade em Étienne de La Boétie e Benedictus de Spinoza permite evidenciar que, em ambos os autores, o conceito transcende sua dimensão interpessoal e assume um papel determinante no campo ético-político. Em La Boétie, a amizade é evocada como critério de distinção entre os vínculos que fundam uma vida livre e aqueles que perpetuam a servidão voluntária. Trata-se, portanto, de um marcador ético que delimita o espaço da resistência à tirania e o da adesão ao poder despótico. O “amigo” é aquele que mantém viva a memória da liberdade e, por isso, recusa-se à degradação da estima mútua em favor da idolatria e do rebaixamento. Nessa medida, a amizade opera como princípio normativo da liberdade republicana, fundada na igualdade entre os que se recusam a servir.

Por sua vez, Spinoza insere a amizade em um sistema filosófico mais amplo, no qual a potência de agir e a razão constituem os fundamentos de uma vida verdadeiramente livre. A amizade, enquanto relação produzida por afetos ativos como a generosidade e a firmeza, constitui um meio privilegiado para o aumento da potência comum e, consequentemente, para a construção de uma ordem política mais justa e estável. A união entre os homens racionais, orientados pelo reconhecimento mútuo de sua utilidade e pela disposição de promover o bem comum, configura-se como um dos pilares

da sociabilidade spinozana e da superação das formas de servidão baseadas no medo e na superstição. Nesse sentido, a amizade racional em Spinoza não é apenas expressão de liberdade, mas também condição para sua efetivação coletiva.

Ao propor um diálogo entre esses dois pensadores, este estudo buscou demonstrar que a amizade, compreendida como relação fundada na igualdade, na razão e na recíproca valorização, pode ser concebida como um operador conceitual central para a crítica das estruturas de dominação e para a constituição de formas políticas mais emancipatórias. Ao recusar os vínculos servis e ao promover a comunhão entre os que partilham do mesmo desejo de liberdade, a amizade afirma-se como uma via de resistência ética e política. Dessa forma, tanto em La Boétie quanto em Spinoza, a amizade não apenas se opõe à servidão, mas funda a possibilidade mesma de uma vida coletiva orientada pela liberdade.



11 Cor1P35EIV, SO2, p. 233.

12 Cf. “É útil aos homens, acima de tudo, formarem associações e se ligarem por vínculos mais capazes de fazer de todos um só e, mais geralmente, é-lhes útil fazer tudo aquilo que contribui para consolidar as amizades” (EIVcap.12, SO2, p. 269).

## REFERÊNCIAS

- LA BOÉTIE, Etienne de La Boétie. **Discurso da servidão voluntária**. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasilense, 1982.
- SPINOZA, Benedictus de. **Breve Tratado**. Tradução e Notas de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Luis César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Filo/Espinosa).
- SPINOZA. **Correspondência** (Cartas 2, 4, 12, 21, 32, 34 e 50). Trad. e org. de Marilena de Sousa Chauí. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 365-391. (Coleção Os Pensadores).
- SPINOZA. **Correspondencia**. Introducción, traducción, notas y índice de Atilano Domínguez. Madrid: Alianza, 1988.
- SPINOZA. **Correspondencia**. Tradução e nota J. Guinsburg e Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- SPINOZA. **Ética**. Tradução de Pierre François Moreau. Paris: Puf, 2020.
- SPINOZA. **Ética**. Edição bilíngue Latim-Português. Tradução: Grupo de Estudos Espinosanos. Coordenação: Marilena Chauí. São Paulo: Edusp, 2015.
- SPINOZA. **Ética**. Tradução e nota de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Editora 34, 2024.
- SPINOZA. **Obra Completa I**: Breve Tratado e Outros Escritos. Tradução de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- SPINOZA. **Obra Completa II**: Correspondência Completa e Vida. Tradução de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- SPINOZA. **Obra Completa III**: Tratado Teológico-Político. Tradução de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- SPINOZA. **Obra Completa IV**: Ética e *Compêndio de Gramática da Língua Hebraica*. Tradução de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- SPINOZA. **Opera Posthuma**: *im Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften*. Carl Gebhardt (Org.). Heidelberg: Carl Winter, 1925. Republicada em 1972. Milano: Edição Eletrônica por Roberto Bombacigno e Monica Natali, 1998. 1 CD-Rom.
- SPINOZA. **Opera Posthuma**: *quorum series post praefationem exhibetur*. S.l. [Amsterdam]: s.n [Rieuwertsz]. Reedição da *Opera Posthuma*, Amsterdam, de 1677 com reprodução fotográfica integral. Editado por Pina Totaro, prefácio de Filippo Mignini. Macerata: Quodlibet de 2008.
- SPINOZA. **Pensamentos Metafísicos, Tratado da Correção do Intelecto, Ética, Tratado Político e Correspondências**. Trad. de Marilena de Sousa Chauí. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
- SPINOZA. **Princípios da Filosofia Cartesiana e Pensamentos Metafísicos**. Tradução de Homero Santiago e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Coleções Filó).
- SPINOZA. **Tratado da Reforma da Inteligência**. Tradução, introdução e notas de Lívio Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SPINOZA. **Tratado da emenda do intelecto**. Edição em latim e português. Tradução e notas introdutórias de Cristiano Novaes de Rezende. São Paulo: Editora Unicamp, 2015.
- SPINOZA. **Tratado Político**. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- SPINOZA. **Tratado Teológico-Político**. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

